

Índio ajuda Inpa a divulgar flora

“Os índios da região, em particular os Waimiri-Atroari (Território de Roraima), conhecem 95% das espécies da floresta que utilizam para sobrevivência, o que demonstra uma intensa interação entre eles e a floresta”. A afirmação é da bióloga Elisa Vandelli, feita ontem durante o encerramento do I Encontro sobre Inventário Florístico na Amazônia, realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia (Inpa).

Segundo a bióloga, que, juntamente com o engenheiro florestal Robert Pritchard Miller, realizou ontem palestra sobre o tema “Inventário Etnobotânico com os Índios Waimiri-Atroari”, e desde julho de 87 vem pesquisando essa comunidade indígena, o índio da Amazônia utiliza com coerência e responsabilidade a floresta que o cerca, por acreditar que é necessário utilizar essa floresta em seu benefício, daí a importância de só tirar dela o que for realmente para a sua subsistência, sem destruí-la indiscriminadamente.

“Existe uma infinidade de espécies de flora na Amazônia — afirma a bió-



Os índios conhecem a farmácia da floresta.

loga —, por isso ela defende uma medida urgente para conhecê-las, ou pelo menos o que ainda resta dela, pois pelo próprio processo de destruição que está sendo submetida, o risco é que, em futuro próximo, não se tenha mais o que estudar”.

Das 60 espécies já catalogadas pelos pesquisadores, somente na área dos Waimiri-Atroari, a maioria delas, segundo Robert Miller, tinha alguma utilidade para o índio, o que demonstra que a floresta para o índio significa subsistência.

Encontro das Nações termina hoje

Termina hoje, ao meio-dia, o encontro de estudos entre representações das nações indígenas e membros do Cimi — Conselho Indigenista Missionário —, iniciado dia 24. Participaram do encontro representantes do povo Mundurucu, Oro-Wari, agentes do Cimi representando os Estados do Amazonas, Acre e Rondônia e o território de Roraima, além de associações indígenas.

Nesse encontro foi discutido o levantamento da realidade das organizações indígenas que se encontram na região, aprofundamento das maiores dificuldades que as nações indígenas vêm encontrando a nível local, regional e estadual e perspectivas para o fortalecimento de suas organizações.

As organizações que se fizeram representar têm em mente fazer uma assembleia com vistas a que a União Nacional Indigenista tenha maior representa-

ção junto as organizações indígenas. Foi discutida ontem a atuação das comunidades junto a instituições, de acordo com a nova Constituição, a cerca da participação das organizações indígenas nas decisões que dizem respeito a seus povos, o papel das assessorias das nações indígenas e das próprias organizações. A Funai não mandou representantes para o encontro.

O coordenador regional do Cimi-Norte I, missionário Ginter Francisco Loebens, acredita que a partir desse encontro as próprias comunidades indígenas poderão planejar os passos que darão daqui pra frente, “este foi apenas o primeiro passo que possibilitará que as nações se encontrem”.

Consta no artigo 232 da nova Constituição, que os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o

Ministério Público em todos os atos do processo. Segundo o representante da tribo Ticuna, Pedro Mendes Gabriel, a prática é bem outra: “Os nossos direitos, aprovados na nova Constituição, não estão sendo respeitados pelo governo. A Funai não tem ainda pleno conhecimento das necessidades e da manutenção da vida dos índios. O que mais importa para nós e muito preocupa a Funai, é que a nova Constituição acabou com a tutela do índio. Agora poderemos ser reconhecidos como um povo e ter direito a educação, saúde e posse da terra”.

Para os Ticuna, a principalmente os maiores problemas enfrentados são as invasões de madeiras em suas áreas e os pescadores que praticam a pesca predatória. O maior anseio desse povo é querer preservar seus lagos e manter seus costumes e cultura.